

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--25 de Julho--1929

**5 T**  
1929

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**166**



# **o fião**

semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

## **O conflito sino-russo**

(Emquanto Kellogg canta o hino da Paz)



**A Russia e a China :-- Canta, KELLOGG bebes**





# Os ditos da semana

**Partidos** Lourdes e Fatima estão soltando uma concorrência desleal por parte de algumas aparições que ultimamente se tem dado em Lisboa e na provincia. E dizemos desleal porque com quaisquer oitenta e cinco centavos vai-se ao Alto do Pina e vê-se Nossa Senhora.

Neutros tempos Nossa Senhora só se deixava ver no céu para onde a viagem sempre é mais dispendiosa. Só em tarpela gasta se uma fortuna, por que os caixões estão pela hora da morte.

Agora já não se ouve falar senão em aparições. Nossa Senhora anda pelo Alto do Pina e por Sever do Vouga. Ha muita gente que a tem visto que jura que a viu, mas tambem ha pessoas que não vitam nada e dizem que a aparição é uma coisa digna de Sever... do Vouga.

O facto é que, no Alto do Pina, reúne-se todas as noites uma multidão de devotos. E se é certo que voltam desiludidos por não verem Nossa Senhora trazem a barriga cheia de pastéis de bacalhau.

A industria local não se esqueceu de que pelo romper da manhã, sabe muito bem contortiar o estomago e até ja se deu tambem a aparição de uma pipa de vinho montada numa carroça.

Esta não trazia como a outra, uma aura de Estrelas, mas houve quem recolhesse a casa a ver estrelas, e de candeias as avessas.

As crianças, que acompanham as familias, interessam-se tambem vivamente pela aparição e perguntam e inquirim e querem saber tudo— como é que Nossa Senhora pode andar pelo ar, o que ela vem fazer, donde vem ela, para onde é que ela vai. E

dentro de seus cerebros pequeninos passam-se tragedias tremendas de duvida.

Ainda ha dias, um petizito de quatro anos, que mais não teria ouvidos falar em aparição, preguntava na sua gramatica deficientissima, trepando pela mãe acima:

—Mas quem foi que apareceu?

E no fim de tudo, quando o negocio começara a ser lucrativo, deu-se a aparição do sr. Ferreira do Amaral e a desapareção dos feise e de Nossa Senhora.

Diz-se muito mal da policia mas afinal, quando ha falcatrua ela aparece quasi sempre.

**Uma liga** Fundou se em Budapest uma liga feminina para impedir que os maridos joguem os chamados jogos de azar.

Senhoras da alta sociedade compõem esta liga singular cuja principal occupação é andar a meter o nariz nas casas de batota onde, como é

sabido abundam as papillons. Os fins moralistas da liga são bem evidentes, mas o que as senhoras de Budapest principalmente desejam é que os respectivos maridos não joguem na dama.

**A guerra** Andam mosquitos por cordas lá pelos confins do oriente. A guerra está imminente entre a China e a Russia. A China amarela e a Russia vermelha jogando ás cristas deve dar uma confusão de cores tão grande, que nada nos admira que até a Europa venha a mudar de cor.

A Russia enorme, a Russia da stepa, a Russia dos soviets, é uma grande potencia que ha muito tempo se nega a alcançar uma victoria. Bate se e perde a batalha por habito, nor sistema.

A China amarela e exotica faz morrer os seus filhos com um estoicismo que assombra. Se a guerra vier a declarar-se deve ser uma coisa tremenda e talvez a Russia venha a dizer como um oficial inglez, falando do seu paiz:

—Nós perdemos as batalhas, mas ganhamos as guerras.

**Jem casa** O principe Olavo do Noruega, recentemente casado, não tem um palacio para habitar. Promoveu-se uma subscrição para lho comprar, mas a receita que se apurou não chega para nada. E assim fica um casal de principes, na contingencia de ir morar para casa da sogra dum ou de outro, o que já está provado não dá bom resultado.

## Um concurso



Belo Redondo e Mario Reis, cujos traços estampamos hoje, e Rogerio Perez, de quem já demos o retrato, igualmente «em cabelo», provam com os seus magnificos romances «A Cidade Maldita», «Um aprendiz de Apolo» e «De Lisboa a Sevilha», que Portugal não é tal o paiz onde as letras são letra morta. A julgar pelo seu valor, os romances, postos á venda no mesmo dia, ao mesmo preço, e com a mesma tiragem, esgotar-se-hão tambem á mesma hora. Resultado: concurso empatado e repetido, ou um alegrão para o publico, pelo prazer de saborear trez novas produções da simpatica trindade.



—Tenho uma tal dor de dentes que nem posso falar...  
—Pois claro homem, as grand's dores são mudas.



—A menina aceita o meu amor? — Imbecill... Então não sabe que se não deve falar com uma senhora quando se está sentado?



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

O *Noticias Teatral* é, por vezes, o melhor auxiliar das verdades que, aqui e noutros lugares, temos escrito sobre os autores portugueses. E senão, vejamos este pedacinho:

«A nossa produção teatral é deficiente, em qualidade e em quantidade. E então, as acusações fervilham, acusações facéis, que procuram sempre agravantes: os autores escrevem sobre o joelho, não meditam, fazem imitações, preferem traduzir...  
É fácil acusar. Mas... como podemos ter autores teatrais, que sejam apenas autores teatrais? Os direitos a receber são, comparados com os que recebem os autores estrangeiros nos seus países, insignificantes; a média do número de representações das peças não vai além de duas dezenas, contando com as de maior êxito.  
Assim, como quere a crítica fácil que haja profissionais de teatro, isto é, autores que vivam só do teatro, que a ele se dediquem exclusivamente, que não sejam obrigados a lançar mão de outros empregos, distraíndo desse modo as suas atenções.»

... «Escrevem sobre o joelho, não meditam, fazem imitações, preferem traduzir...»  
Não somos, pois, só nos que o dizemos: são os autores também, confessando que «a produção teatral é deficiente em qualidade e em quantidade» (sic).  
Todavia, os que confessam agora a sua falta de capacidade são os que mais protestam, os que mais barafustam contra a imprensa quando ela, compreendendo bem o seu dever, lhes aponta os erros, as faltas, as deficiências...  
Bemdito Deus!  
Até que enfim somos da opinião de certos!...  
Leia-se agora mais este bocadinho que a tesoura também arrancou ao *Noticias Teatral*:

«Em Portugal, os autores teatrais, nas condições em que trabalham, fazem milagres. Temo-los que são ao mesmo tempo funcionários públicos, civis e militares, advogados, médicos, diplomatas, comerciantes... e como das suas várias profissões não é a de autor dramático a que se paga melhor — antes pelo contrario — como ha de ser esta a mais cuidada? O publico não tem nada com isso, dir-se-ha. Tem tal: avarinhe as obras nacionais, frequente-as, prefere-as, contribuindo assim para que os nossos autores possam um dia pedir ás empresas o que merecem e dispensar acumulações.»

Para isto só ha um comentario: quem não quere ser autor... não lhe mete a pele...

DO «Processo de Mery Dugan» que, ha dias, subiu á scena no Na-

### Adelina Abranches



A mais pequena actriz portugueza, que é a maior gloria do teatro contemporaneo.

cional, falou a critica com a melhor simpatia e justiça.  
Imprensa e publico foram unanimes em confessar que o «Processo de Mary Dugan» é uma grande peça e um grande processo... do Nacional se encher.  
Ester Leão, com o seu temperamento de artista, Alexandre Azevedo, Abi-

lio Alves, Silvestre Alegria, Tarquinio Vieira, Antonio Palma, José Balsemão, Sofia Santos, Aurora Dubini e os que me não lembra foram tão bem que... senti ganas de bater no Alexandre de Azevedo — por ser o advogado de acusação, e abraçar o Abilio Alves — por ser o da defesa.  
Quere dizer: o Nacional, com o

**ANTONIO MONTERO** e **ESPINOSA**



O antifire que apaga todos os incendios... menos dos corações

«Processo de Mary Dugan», está transformado num tribunal de Grandes Delitos...  
Mas se os delitos de teatro fossem aqueles... que bom seria!

O SEU a seu dono: a recomendação do director de scena em que se escreveu «porque não se *houvem* da plateia» — é da autoria de Jorge Grave.  
Hoçam bem isto...

O ACTOR Casimiro Rodrigues, um simpatico rapaz com bastantes qualidades, promove no proximo domingo um passeio fluvial a Vila Franca de Xira e Seixal.  
Fazer uma festa artistica no mar não estaria muito certo — se isto cá por terra não enjoasse tanto...

AINDA a proposito da peça do Nacional.  
Afirmase que um grande actor disse na «première» que o agrommo James, que o Alegria interpreta, era em Paris feito por um preto.  
— Mas aqui não deixam — retorquiu alguém.  
— Já sei... Nem os pretos... nem os gordos...

CRITICAR, tornou-se difícil. Surgem queixas, ameaças, conflitos.  
Não se compreende nem a critica a serio, nem se toma como se deve tomar a que se faz a rir.  
A missão do jornalista sobre o teatro vai-se tornando difícil.  
E a gente tem de passar a andar como no Far West: de pistola e licença de caça...

DIZ uma gazeta, na secção teatral:  
«Felicitamos a ilustre artista Aura Abranches e seu marido, o actor-empresario Paulo Grijó, pelo êxito de seu filho Fernando, que acaba de fazer, brilhantemente, exame de instrução primaria.»

Mais um êxito teatral da portuguesissima Aura Abranches!...  
Surgirá daqui um novo dramaturgo?...

Uf! Uf! O «Homem das Cinco Horas», o excelente camarada que aqui substituímos não com acerto mas com a melhor das boas vontades de servir o publico — voltou de Paris.  
A proxima secção é dele.  
Quando trocámos um abraço disse-mos-lhe:  
— Vens de Paris? Aproveita... Aproveita e faz uma revista... Ideias novas não te faltam...

Luiz Figueira.



# Que macaca!

A Rua do Sol ao Rato está em estado de sitio, a rua do Sol e ruas satélites.

É o caso que um morador do sitio recebeu de Africa uma macaca, tão feroz macaca que, ainda a bordo do barco que a trouxe, armou tais tropelias que acabou por se meter no proprio canudo, e para de lá sair foi um canudo, sendo necessario fazer vapor para que a macaca fizesse contra-vapor, entregando-se á prisão e vindo para terra presa a boa corrente. A corrente não foi, porém, tão boa que a macaca, já na posse do morador da rua do Sol, se não soltasse. E aqui entra o diabo á solta!

A macaca feroz, ferocissima, começa andando á solta pelos quintais da vizinhança, semeando o panico, comendo as uvas das parreiras e, quando as não topa as provisões com que depara pelas cosinhas. Aos prejuizes avultam os sustos das donas de casa, alarmadas como se vivisessem nas costas de Africa, porque a macaca não se intimida e antes as intimida, ameaçando morder, fazendo um chifrimo aterrador.

Formam-se comissões que reclamam do dono da macaca, e este, para pôr fim aos prejuizes e aos sustos, decide-se a matar a macaca.

Mas aqui surge a Sociedade Protectora dos Animais, ou quem a representa, proibindo que se mate a macaca, isto é protegendo a macaca e desinteressando-se dos por ela ameaçados. Parece, porém, que as estações competentes, confirmando a integridade da macaca, obrigam o seu dono a pagar os prejuizes que ella causou.

E o infeliz proprietario da macaca, com uma autentica amacaca, que atinge os moradores alarmados, lá vai pagando contas de prejuizes causados pela macaca, que maatem em estado de sitio a rua do Sol ao Rato e ruas satélites.

## Trez musicas

Cruz e Sousa, conhecido compositor musical, teve a gentileza que muito nos penhorou de nos enviar as suas ultimas produções: *Oasis*, *Sedução* e *As Bilhas* — este ultimo um numero de grande successo da revista *Pé de Moço*, que Deus haja.

Um aperto de mão agradecido.

## Sortes grandes?

só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

## TAC-TAC-TAC

# O SOLILOQUIO FATAL

Embora seja um tipo que, pelas actuaes condições da Vida Moderna, tende a rarear cada vez mais, não é ainda muito difficil encontrar na rua alguns specimens do genero. Vão andando automaticamente, sem olhar para as montras, concentrados em visões interior, fora da vida que os rodeia, e, andando, falam, conversam, apostrofam com violencia, ou sorridentes, dirigem doces madrigais e ternas frazes a fantasticas criaturas que só eles vêem. De repente, páram, gesticulam, parece ouvirem uma resposta, e, encolhendo os hombros, voltam a caminhar, alheios ao ambiente, absorvidos nos seus longos soliloquios.

Os funcionarios poetas, ou, para melhor dizer, os poetas funcionarios sofrem desta doença amida, o que succede igualmente ao meu amigo Brozeguinho que era amanuense do Ministerio da Agricultura e escrevia com frequencia suas liricas produções no tão popular semanario *A Voz do Aluado*.

Como vive sozinho, as suas ideias tomam vulto dentro do seu cerebro, como sombras fantasticas a moverse no crepusculo duma sala abandonada.

Caminhando de casa para a Repartição e desta para o seu quinto andar, Brozeguinho fala consigo proprio, expondo os mais graves problemas em voz alta. Por vezes succedem-lhe aventuras anciosas. Aqui ha tempos, foi surpreendido por um seu recado urgente. Estava preso na Esquadra das Mercês. Como habito perto, lá me fui azinha e vêr do meu poeta-amanuense.

— Que diabo foi isso? — perguntei-lhe, quando o sr. Chefe me permitiu vê-lo, mediante a declaração formal de que eu era seu tio.

— Pois, meu caro Velhofrac, a bem dizer, não sei. A paginas tantas, vi um policia junto de mim que me declarava que eu estava preso.

Os mirones comentavam, rindo, que não se deve prender um louco.

E, só agora, é que me dizem que eu estava a dizer mal da Republica. A mim parece-me impossivel, porque, afinal, a Republica é a minha Mãe Natural: é ella que me alimenta por via do biberon do meu ordenado.

Vim depois a saber tudo. Brozeguinho dissera mal da sua amazia que o enganava miseravelmente. E, como fizesse allusões a uma *Ela* que era amante do senhor, o agente da ordem supôs descaradamente que ele se referia ás instituições e prendeu-o.

Mas a mais interessante das aven-

turas de Brozeguinho foi a do seu ex-futuro casamento.

Brozeguinho, poeta lirico em seus lazeres, apaixonara-se pela Mariazinha Lopes Calha, filha duma respeitavel viuva, que, amavelmente, o recebia aos domingos.

A senhora dona Brigida Calha era profundamente religiosa. E Brozeguinho para fazer a corte a *Miquinhas* acompanhava-as á missa do meio dia em S. Domingos, captando assim as boas graças da sua futura sogra. Esperava elle assim criar um lar, onde, alem de agradável e formosa companhia, encontraria a bem estar proveniente do salutar rendimento da viuva que não queria de forma alguma separar-se da sua *menina*. D. Brigida, porém, embora o tratasse com amabilidade, mostrava a cada passo ter um genio insupportavel.

Ora um domingo, Brozeguinho, assentado na fila de traz da que occupavam as suas futuras esposas e sogra, talvez embebido nas considerações que lhe sugeriam as palavras do pregador, assaz impertinente, caiu repentinamente naquella sua mania de falar sozinho e em voz alta. E assim falou:

— «É realmente espantoso que as mulheres venham para aqui ouvir esta *mistela* como se comprehendessem latim. Isto é uma maçada. Voltarei linha razão! Sempre quero vêr se a *Miquinhas* teima em vir á missa depois do casamento.

Pensa aquella megêra da minha sogra que eu venho aqui por gosto. Isso não! Não é não? Eu venho aqui porque quero casar com a *Miquinhas* e quero apanhar-lhe o dote. Mas eu sou um incrívelulo.

As duas senhoras haviam-se voltado e olhavam-no estupefactos.

Mas Brozeguinho mudara de assunto e voava agora pelos empirios da poesia lirica.

— «Ah, como eu adoro a *Miquinhas*! que lindo corpinho! Havemos de ter muitos filhinhos. Ao menos, uns doze! O pior é aquella tronzona da Mãe. Ah! mas eu bem sei o que faço. Três meses depois do casório meto-a num azilo. Com pouco dinheiro, fica ali a esperar a cova, para nosso descanso...

As Calhas ergueram-se rubras como tomates. E, num repêlão, saíram da igreja batendo com força o assunto dos genuflectorios.

Brozeguinho ficou para solteiro, condenado a nunca mais conversar senão consigo proprio.

# BOM HUMOR

Numa alfaitaria:  
— Na verdade o preço serve-me. Mas com uma condição: levo o fato e pago-o em prestações...  
— Ah! isso não! O que o sr. pode fazer é pagar tudo e levar o fato em bocados.

— Que fazes aqui parado no meio da rua se chove tanto?  
— Estou á espera, que pare de chover.

— Ouve lá, Joãozinho: o que te agrada mais no collegio.  
— As férias...

A patroa indignada:  
— Que grande porcalhona. Então porque pões a carne que nós vamos comer dentro da tina?  
— Então a senhora não me disse, vai pôr a carne no banho-Maria?!

— Oh! papá. O que é influencia?  
— Influencia... Influencia é uma coisa que toda a gente julga ter até no momento em que tem de usar dele.

A filha: — Oh! paisinho. Este piano é meu, não é verdade?  
O pai: — Sim.

A filha: — Então quando eu me casar posso levá-lo.  
O pai: — Sim, mas não o digas a ninguém não vás a escangalhar o casamento.

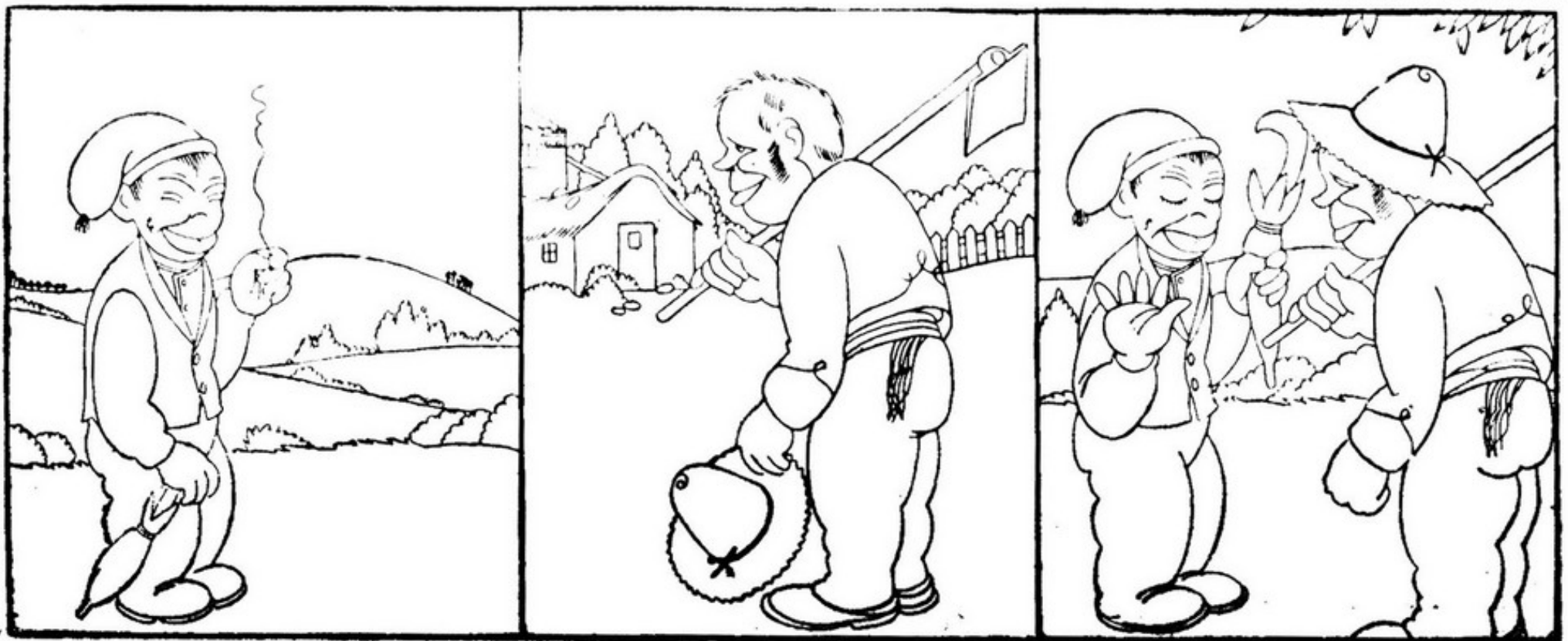
O medico para o doente:  
— O sr. tome atenção: deve comer sempre a fruta com casca.  
— Sim senhor.  
— E qual é a sua fruta predilecta?  
— O côco...

A datilografa: — Não calculas... Estou muito bem neste escritorio. Tratam-me todos bem e o meu patrão deixa-me entrar ao meio dia e sair á hora que me apetece.

A amiga: — Pois eu ainda sou mais feliz... Entrei ao meio dia e o patrão disse-me que não voltasse.

ABERTO TODA A NOITE  
**RESTAURANT ROMA**  
— RUA DO MUNDO, 100 e 104 —  
Luxuosos gabinetes no 1.º andar

Cirano de Velhofrac.



O tio Manuel da Russa, tendo necessidade de levar uma pouca de hortaliça ao mercado e não podendo com a carga...

... dirigiu-se a casa do seu amigo e compadre Jeronimo da Moita que tinha um burro muito valente...

...e pediu-lho emprestado, ao que o compadre respondeu:—Não t'o empresto porque foi com a tua comadre para a villa.



## Cronica dos Tribunaes

Nova loucura  
de Asdrubal

## Elevador da Gloria

— Está aberta a audiencia!  
— No banco dos reus está um individuo acusado de bater noutro.

As testemunhas de accusação foram unanimes em fazer prova contra o réu. O patrono deste, que ás vezes é pecco, quando instava as testemunhas de defesa sugestionava-as a fazer a affirmação de que o arguido era doido.

Vem a primeira, a segunda e a terceira testemunhas e o advogado ia sempre insistindo...

— A senhora testemunha sabe que o réo é doido, não é verdade?!

A ultima testemunha mostra-se um pouco hesitante em corroborar a affirmação do defensor.

O advogado: — Então a senhora testemunha não tem conhecimento que o réo é doido?! Não tenha receio de dizer que ele é doido!

O delegado do ministerio publico, dirigindo-se ao juiz:

— Requeiro que a audiencia seja suspensa e o réu submetido a um exame psiquiatrico, visto o seu patrono ter affirmado que ele é doido.

O juiz: — Defiro o requerimento do sr. delegado e suspendo a audiencia para o réo ser examinado.

O advogado alarmado com a decisão do juiz, exclama:

— Então a audiencia não acaba hoje?!

— O magistrado circumspecto:

— Então não foi o sr. advogado que disse que o seu constituinte estava doido?!

— Disse isso, mas era para V. Ex.<sup>a</sup> o absolver.

O pior foi que o réu teve mais dois mezes de cativeiro...

\* \* \*

Nos Pequenos Delictos:

— Na presidencia o juiz dr. T. A. Respondem dois homens acusados de se envolver em desordem.

O magistrado pergunta a um dos arguidos:

— Qual a acção que teve no conflicto?

— Foi apanhar pancada, ficar sem a cabeça dum dedo e o corpo cheio de equimoses...

\* \* \*

Na Boa-Hora:

Preside o sr. dr. J. C. Apresenta-se a responder uma velha com uma criança ao colo e duas pela mão.

— A sua profissão? — pergunta o juiz.

— E' a que V. Ex.<sup>a</sup> vê... Trato dos meus netinhos...

**Quer a sorte grande?**  
Habillte-se na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

Já em tempo escrevi sobre um celeberrimo imperador da Deolandia que terminára por dar entrada no Manicomio Bombarda. Pois opós um cuidadoso tratamento, S. Excelencia voltou para o seio da familia e quando todos o consideravam curado, um acontecimento inesperado trouxe-nos uma forte desilusão: o pobre Asdrubal apaixonara-se novamente, desta vez por uma senhora recentemente elevada á atraente categoria de viuva e enviou-lhe a seguinte carta cuja autenticidade garanto:

«Tenho por habito, sempre que fixo a data do aniversario de alguém, festejar os anos dessa pessoa e vir cumprimenta-la nesse dia tanto mais que encontro nisso o maior prazer e gentileza e por que me apraz de certo modo felicitar as pessoas nessas circunstancias pois julgo que elas hão-de sentir nesse momento algum jubilo por tão ditosa oportunidade.

Com V. Ex.<sup>a</sup>, minha senhora, a quem me estou agora dirigindo, não succede infelizmente o mesmo caso e desde já lhe peço mil perdões pela minha iniciativa, não querendo de forma alguma insultar o estado de consternação em que se encontra.

Até mesmo compartilho dele e desejaria consolal-a, tanto mais que ainda ha bem pouco tempo realisei, por minha conta, um soffragio tão interessantissimo pelo seu querido defunto que estou certo V. Ex.<sup>a</sup> e ele, hão-de ficar sensibilisadissimos. Não puz anuncio por este mundo e composto só de idiotas e meu colega «Rocix» com os outros camaradas crivaram-hiam de dichotes e afirmariam, como V. Ex.<sup>a</sup>, insinuante senhora, já bastas vezes ouviu, que eu tinha os *miotos torcidos*, frases que eles empregam varias vezes para me atingir mas á qual não ligo nenhuma pois sou um espirito superior. Devo recordar-se que sempre me é natural e

acessivel vir saudal-la hoje por que deve saber que tenho ainda qualquer cousa de muito especial para si que me compete a vir desta forma.

Minha senhora: A minha cortezia não fica sómente por palavras que isso é como a poalha dos tempos — evolase para as regiões etereas — mas é necessario e isso muito me obriga, deixar-lhe aqui, em sua casa, algo de recordação que sempre conforme entender, o futuro lhe lembrará que houve alguém, espécie de verme inofensivo, modesto e apaixonado, que muito e muito a estimou e querendo patentear esse sentimento mais elevado (espécie de Torre Eiffel) que por si nutre e será eterno, lhe oferece esta modesta lembrança que deve ficar a matar no centro da sua casa de jantar. Para lhe provar que realmente comprei, por sinal na Rua daPalma, tão interessante serviço, envio-lhe o recibo do dito que custou 20\$00 como poderá verificar.

Pedindo novamente muita desculpa pela minha ousadia, confesso-me sempre muito seu admirador sincero.

Asdrubal

(C. G. M. M. D. T. M.)

Mas o que nos fez matutar, ao lermos a cópia desta carta, era o significado o serviço e das 7 letras!

Recorremos então á super Intelligencia do conhecido solicitador Carilho que é um autentico e insoffismavel fenomeno na decifração de advinhas e ele, depois de pensar alguns minutos, declarou: «Isto do serviço para o centro não consigo decifrar. Quanto ás letras é de facil compreensão. Ouçam: «Colegas Garantem Minha Mioteira Deve Ter Microbios!»

Ao ouvir isto olhei para o pobre Asdrubal num ar de comiserção enquanto uma lagdima rebelde me rolava pela face caindo no chão com um ruido metalico...

Rocix.

Afirmam, ao que parece com uns certos risos de verdade, que ha um jornalista na Normandia que aproveita os momentos de folga das gazetas para escrever discursos para as autoridades pronuncia- em na solenidades officiais, cibrando por cada um a quantia de 300 francos.

Ha tempos, um «maire» encaminhou-lhe um discurso para pronunciar na inauguração dum monumento aos mortos da Guerra de 1914, fazendo-lhe ver que, por ser pobre, não podia pagar mais de cem francos.

— Sejal disse o jornalista.  
E immediatamente agarrando num discurso que Poincare pronunciara numa cerimonia semelhante, o jornalista copiou-o integralmente, entregando-o depois ao «maire».

No dia da inauguração do monumento o «maire» falou primorosamente, recebendo apos o discurso e durante ele, os melhores aplausos.

A' noite mandou ao jornalista os cem francos combinados com a seguinte carta:

«Meu caro amigo: Para os cem francos que lhe envio agora não me serviu muito mal. Mas, aqui para nós:

Devemos reconhecer que o discurso foi escrito á pressa, porque tinha muitos disparates a mistura com coisas boas.»

Quando contaram isto a Poincare, o autor do discurso, afirmou-se que este disse:

— O homem tem razão... Foi um discurso em segunda mão...

\* \* \*

Aqui ha anos, num dos momentos mais agitados da politica, abeirouse de Gualdino oGmes um sujeito que muitas vezes se sentava á sua mesa:

— Meu caro amigo e sr. Gualdino Gomes. Estou apouquentadissimo. Ha para aí boatos e eu tenho medo de qualquer movimento porque, infelizmente, não tenho nada de comer em casa... O sr. está a ver...

— Ah! pois estou...  
— Calcule! Se ha qualquer coisa... e eu sem nada em casa...

— Que maçada, não duvida...  
— Oh! sr. Gualdino Gomes: o sr. é que podia salvar-me desta atrapalhção, emprestando-me vinte mil reis...

— «Om todo o prazer — disse Gualdino Gomes, passando-lhe para as mãos uma nota de Banco. — E olhe que o primeiro «tio», já eu o apanhei.

**Sortes grandes?**  
só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77



Mas neste instante, com grande arreia do Mnauel da Russa ouviu-se, na corte, o burro zurrar como um desesperado.

— Se me não enganó — disse o tio Mnauel da Russa, apanhando o outro na mentira, parece-me que o ouço zurrar?

— Pois se eu te digo que não está é porque não está, e creio que não vais dar mais crédito ao burro do que a mim.



## O estilo é o homem!

O estilo é o homem, dizem os velhos alfarrabios. Cada pessoa tem a sua maneira característica de escrever. O mensageiro não escreve, como o aprendiz de ourives, o tabelião escreve de maneira diferente do pintor de taboetas. E' assim nas manifestações intelectuais, e assim é no «grande mundo». Quem quizesse estudar as varias formas de linguagem conforme a profissão, principalmente, muito teria que observar. Basta extrair alguns periodos verdadeiramente tipicos.

O politico escreveria assim: «Nesta emergencia, em que o espirito patriótico ameaça subverter-se, é justo, é imprescindível que todas as vontades se unam, que toda a acção se fortifique numa directriz segura e proficua para o engrandecimento nacional».

O advogado: «Na hermeneutica social, o crime subordina-se ás condições civicas do individuo, criando uma personalidade juridica que a legislação prevê nos dictames da sua jurisprudencia».

O medico: «Ha como que uma atmosfera deletéria extremamente nociva e depauperante no organismo de sua natureza vibratil, que impõe a endemia como consequencia fatal do virus epidemico».

O dramaturgo: «Nos bastidores do caracter acumulam-se tipos e facies que o «emplo» ordena num belo sentido de conjunto».

O agiota: «Os tresloucados sem eira nem beira julgam que o mundo é deles, sem pensarem na deficiencia dos meios de vida e na necessidade de trabalhar sempre bem agelhada a maquina da existencia».

O poeta: «Parnasianismo chamarei certamente áquella modalidade espirital que conduz os corações á senda do lirismo ingenuito».

O filosofo: «Ha uma íntima relação entre o substratum mental e o paroxismo psíquico da materia feita ser».

O metecreiro: «Esta gente, que nunca teve juizo, julga naturalmente que eu vou roubar».

O farmacutico: «É emoliente, é adstringente tudo o que provoca reacção mais ou menos intensa».

O musico: «Não ha ritmo possível nas composições em que falta a cadencia natural e onde as notas se agrupam em escalas crometicas».

O pintor: «Este quadro tem colorido, ha movimento nas figuras e as tintas são persuasivas».

O futurista: «Na decadencia aqualidade dos primordios na a escoriação festiva dos sentidos a embeber-se em lentidões marasmicas que sufocam o extra-dorso das cantantes da immortalidade».

O classico: «Na representação exacta do sentido vernaculo incide o centro estrutural do equilibrio são e potente da natureza humana, sem vôos escusados, nem afirmativas prodigas».

O estilo é o homem. Por isso o mundo é tão agradável que já uma figura popular de Lisboa do seculo XIX exclamou em ar sentencioso: «Quando se acabar o mundo e quã Lisboa seja arrazada, vou viver, parã Caneças!»

Fr. Miguel.

# As declarações d'um cão ao "Sempre Fixe"

Trrim! Trrim! Trrim! Trrim! E a gentilissima senhora que, na cabine ao lado do nosso gabinete, atende as chamadas das pessoas que tem a telefomania de nos procurar, annunciou-nos: «O sr. juiz F...»

— Então como está o meu querido amigo?

— Menos mal, muito obrigado...  
— Veja v. a 5.ª pagina do *Diário de Noticias*. Tem lá um annunciãozinho que o deve interessar. Trata-se dum bulldog.

— Sim, senhor. Muito obrigado. E desligámos.  
Minutos depois, conseguimos lêr no «kolosso»:

### «BULL-DOG»

Francês, com declarações, vende-se na Praça Duque de Saldanha.»

Ora, como vozelencias sabem, o *Fixe* é um jornal de larga informacão. O jornalista viu, pois, no annuncião um motivo para uma entrevista e eillo de abalada até á Praça Duque de Saldanha para falar ao sr. Bull-dog.

\*\*\*

Apeámo-nos do electrico, limpámo-nos do suor e batemos á porta:

— O sr. Bull-dog francês está?  
— Sim, senhor. E ao que vindes?  
— perguntou-nos uma sopenra, olhos em fogo, dentes lavados, mãos de senhora, a cheirar a cebola.

— Da parte do *Sempre Fixe!*  
— E o que quer a justiça do *Sempre Fixe* de mim? — atirou-nos o Bull-dog, aparecendo junto de nós.

— Saber as vossas declarações.  
— Como assim?!

E a entrevista começou:  
— Pois meu caro jornalista, são poucas as declarações que tenho a fazer.

— Mas... faça favor...

— Olhe: diga no *Sempre Fixe* que estou farto de ser cão.

— Sim?!

— Claro. Olhe que isto é um martirio. No inverno ainda a coisa vai bem. Mas no verão... Sempre com a lingua de fora, não vejo senão as senhoras da visinhança a olhar para mim...

— ?!

— Depois, cá em casa tem a mania que eu hei de ficar solteiro e, quando noutro dia andava a fazer a corte a uma cadelinha da Alsacia, que eu conheci na Côte d'Azur — fizeram tanta chinfrineira que eu resolvi desistir.

— Mudando de assunto: que vinho prefere V. Ex.ª?

— «Burjacasa».

— A que horas se levanta?

— Não tenho hora certa.

— E' vacinado?...

— Sim, senhor.

— Que me diz ao processo Asuero?

— Que é uma coisa que ha de tambem chegar aos cães...

— Politicamente?

— Sou comunista.

— E porquê?

— Porque já lá diz Vautel: «O comunismo é uma ideia esplendida, adoravel — em casa dum burguez rico».

— Se não fôsse cão, o que quereria ser?

— Cadela.

— E se fôsse cadela?

— De vez em quando cão...

— Gosta de teatro?

— Não, senhor. Prefiro o cinema. Tenho até lá um primo — o «Rim-tim-tim», que tem feito um successo.

— Mas, se gostasse de teatro, o que queria ser dentro dele?

— Autor.

— Porquê!

— Porque não fazia nada.

Um aperto de patas, uma dentadinha, e acabou-se a entrevista.

## O LOPES, florista



Não será uma beleza de homem, mas o que garantimos é que as suas flores são das mais belas de Lisboa e que o digam as «papillons».

## O Nero de antanho

Saufins do Douro é uma terra como outra qualquer. Passaria mesmo despercebida na vasta região durolense se dois factos a não impuzessem um pouco a admiracão dos indigenas das povoações adjacentes.

Saufins do Douro tem um santo. Um santo muito seu, nascido e creado lá. Enquanto vivo, foi moleiro e chamava-se Sebastião.

Nunca roubou a medida a ninguem e como esta virtude é rarissima em moleiros, foi canonisado logo que morreu.

Saufins do Douro é tambem uma terra de artistas. Especialmente no teatro tem os seus filhos dado provas indiscutíveis de valor.

Não ha dramalhão ou comedia representados no palco da terra que não tenham sido um triunfo para os seus figurantes.

Ha anos o destino mandou que eu assistisse a um espectáculo que realmente me maravilhou pela verdade com que foi representado.

Se não estou em erro estava annunciado para essa noite o «Quo Vadis».

Cá fóra (o teatro é ao ar livre) a multidão olhava ansiosa o pano da boca do palco.

Era meia noite e não se viam indícios de começar o espectáculo.

— «Estão a fazer o ensaio geral, dizem uns».

— «Foi atacado pela meningite o actor que fazia de Nero, diziam outros».

Alguma razão havia e forte pois ás duas horas da madrugada o pano ainda não tinha subido. Metade da assistencia já dormia. A outra metade, dava a entender que não resistiria ao sono por muito tempo.

Às quatro horas a situação mantinha-se a mesma.

Ao meu lado uma velha adormeceu ao colo dum soldado.

Só duas pessoas estavam acordadas: eu e o chefe da banda de Favales. Ambos sofriamos e sofrimos ainda hoje de insónias.

Às cinco horas vi sair do palco uns rolos de fumo negro.

Chamei a atençãõ do meu colega e este, por sua vez, abanou o soldado que estava ao meu lado.

Já se viam sair labaredas pelo tecto do palco. O soldado quiz estrangular a velha que se lhe deitou no colo.

Agora tambem ardia o pano.

Os gritos da velha acordaram os espectadores. Espanto geral.

Todo o palco transformado num enorme brazeiro.

O publico foge espavorido enquanto os bombeiros atacam com denodo o incendio.

Passados alguns minutos encontro entre a multidão o chefe da banda de Favales que me explica:

— Foi o que fazia de Nero que incendiou o palco. O homem queria representar ao vivo o papel do Imperador romano e como não tinha á mão nenhuma Roma para queimar, deitou fogo a um montão de papeis e depois o vento fez o resto.

— Já o apanharam? — Perguntei-lhe.

— Desapareceu e fez ele muito bem.

Se não fugisse com certeza morreria, como o outro de Roma, ...ás mãos dum Brutus qualquer.

G. M.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes !





O que se diz e o que se não deve dizer

## Proesas da antiguidade e «performances» de hoje

Os gregos estão, indiscutivelmente, amigos de *espanholadas*...

E os leitores vão ver em que nos fundamentamos para o afirmar.

Depois que Burgess atravessou a Mancha a nado, não têm conta os seus imitadores masculinos e femininos. É uma admirável proesa. O Pas de Calais mede, em linha recta, uns quarenta quilómetros. E com os *zig-zags* que as correntes impõem aos nadadores, o percurso real eleva-se a oitenta quilómetros, pelo menos.

Comtudo, é duvidoso que estas *performances* natatorias inspirem poemas épicos. E pouco se fala já na proesa primitiva de Burgess.

Ora, quem não conhece a história de Hero e de Leandro? Hero era uma sacerdotisa de Venus, habitando em Sestos. Era amada por Leandro, que morava em Abydos.

Sestos e Abydos ficavam em cada uma das margens do Helesponto, que se chama hoje o estreito dos Dardanelos.

Todas as noites Leandro atravessava o Helesponto a nado para ir ter com Hero. Isto é: — o jovem grego, confiante nos seus braços de ferro, atravessava *um de mar*, para se lançar nos da sua amante.

Pois os antigos exultavam-se largamente perante a coragem de Leandro. Este morreu durante uma tempestade. A sua morte foi cantada. E perpetuam-na poemas em que essa história é contada muito por miudos.

Sabem os leitores qual é a largura do Helesponto? Dois quilómetros. Dois pobres pequenos quilómetros.

É certo que Leandro fazia-os em ida e volta. É certo também que no intervalo das duas etapas marítimas, em vez de descansar, afrontava uma doce fadiga. Mas, enfim, era novo, tinha o coração incendiado e: — duas vezes dois quilómetros não passam de quatro quilómetros.

O que é isto comparado com os oitenta quilómetros de Burgess e seguintes — e com as suas vinte e três horas de natação?

E note-se que para efectuar esta *performance* Burgess nem sequer era encorajado pela esperança de encontrar uma sacerdotisa de Venus na margem oposta.

Se lhe tem prometido uma oficiante de Aphrodite, Burgess teria decerto nadado uns duzentos quilómetros...

\*\*\*

Não ha duvida. Os gregos eram uns amáveis farcistas.

Lembrem-se também do seu soldado de Maratona.

Um dos guerreiros que tomara parte nessa famosa batalha percorreu, correndo, a distancia que separava Maratona de Atenas. Anunciou: — «Ganhámos!» — e morreu.

Os gregos não se pouparam em louvores á sua patriótica *endurance*. O acto pareceu-lhe digno de ser legado em exemplo á posteridade.

Em qualquer prova moderna de Maratona, com quarenta e dois quilómetros e pico, partem dezenas de concorrentes e chegam todos.

cilmente por um alfôbre de prodigiosos atletas...

\*\*\*

No Grande Premio Automobilista das Nações, disputado durante a semana passada, no *Nurburg-Ring*, a imprensa foi alvo das mais delicadas

## (Estamos) á vara...



— Após grandes dificuldades foi batido o «récord» nacional com 3 m. e 3 cm.!!!

Quantos quilómetros medeiam entre Maratona e Atenas? Trinta e um.

Não era talvez motivo para morrer. E a unica conclusão a tirar é a de que o soldado de Maratona era um corredor muito mal treinado.

\*\*\*

De tudo isto se deduz que não é preciso executar coisas difíceis. Trata-se, principalmente, de dizer que se fazem e disso persuadir o Mundo.

Se os estrangeiros lessem os escritos da maioria dos nossos jornalistas desportivo, o nosso país passaria fa-

atenções. Até o bilhete que dava direito a um cesto com uma merenda estava assim redigido:

«Convite para retirar um cesto com uma merenda. Bom apetite!»

Os tapés que eram fornecidos á imprensa tinham gravado a ouro: — «Grande Premio das Nações».

E sucessivamente foram á tribuna os principais dirigentes do *Nurburg-Ring* e do Automovel Club da Alemanha, fazendo todos um pequeno discurso de boas-vindas aos jornalistas.

## “A Peninha” “Restaurant”

O seu proprietario previne os seus Ex.<sup>mos</sup> amigos e clientes que reabriu este acreditado “restaurant”, na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este “restaurant” encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e celas, para o que está aberto toda a noite, enviando-os também aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

## “PENINHA”

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)  
(junto á fabrica de cerveja Portugalia) — TELEFONE N. 5582

A Associação de Football de Lisboa vai, aproveitando as férias, enviar os seus porteiros á Alemanha, para que estes deixem de hostilizar os jornalistas e de arrancar-lhes das mãos os cartões de livre acesso. Acompanharão a equipe porteira varios directores.

\*\*\*

Anuncia-nos o *Diario de Noticias* que, após um laborioso parto de nove anos, está imminente o nascimento da Confederação Portuguesa de Desportos.

Realmente, este organismo fazia falta. Porque o mal do desporto português não é uma crise de atletas. É a crise de galões — a falta de presidentes...

O desporto nacional vai-se assemelhando ao exercito da Libéria, que comporta mil e duzentos generais e cento e cinquenta soldados.

## Rebola-A-Bola.

### A força e o estilo

Ducto da celebre revista:

«Era em Belem  
que eu estava bem»

A' força dizia o estilo:  
«Nunca me podes ganhar».  
Responde a força: «Olha aquilo!  
O' filho, vai-te matar!»

Minha força, meu amor,  
Não me desprezes, que eu sei  
Que aquilo que escrevinhei  
Te causou certo rancor.  
Eu não te nego o valor,  
Não pretendo desmentir-lo.  
Bem sei que não valho um quillo,  
Que sou feito de manteiga.  
At! esta frase tão meiga  
A' força dizia o estilo.

Mas, vendo a força parada,  
De brios o estilo se encheu  
E de novo arremeteu,  
Fazendo grande chiada:  
«Tu não prestas para nada,  
Não quero contigo lutar.  
Vai fardos descarregar.  
Eu sou fino, tu és grossa.  
Vai puxar uma carroça,  
Nunca me podes ganhar.»

Mas a força, aborrecida,  
Co'o berreiro do meudo,  
E vendo que aquilo tudo  
Já passava da medida,  
Numa raiva mal contida,  
Mas com dó do pobre estilo,  
Que parecia mesmo um grilo,  
A's larachas do insecto,  
Com um modo circunspeco,  
Responde a força: «Olhe aquilo!

Se eu te apanho mais a gelto,  
Meu vizinha de falsete,  
Aperto-te o gasganete,  
Uno-te as costas ao peito.  
Mas talvez fosse mal feito  
E eu não estou p'ra me ralar.  
Põe-te já a patinar  
Mais a tua caga-rega.  
O estilo p'ra cá não pega,  
O' filho, vai-te matar!»

Zé Maria.

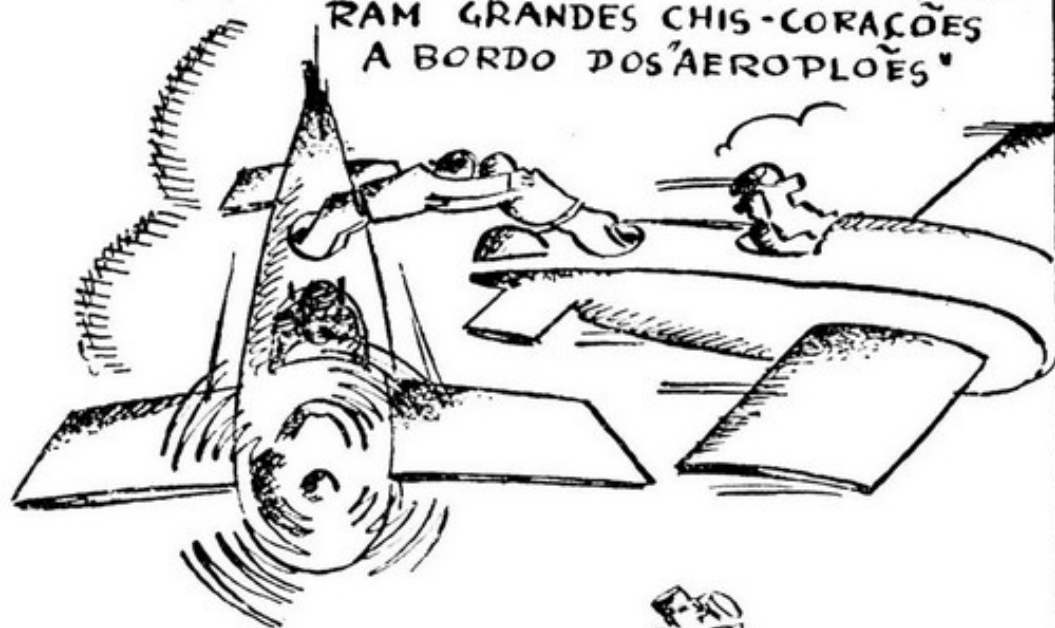


# ECOS M SEMANA

APÓS O ENLACE OS MANOS PEGADOS, VAO A CAMINHO DE SEUS LARES - PONHAM OS OLHOS NISTO O' INSPO-SAS "INSOFRIDAS"



OS AVIADORES FRANCEZES RECEBERAM GRANDES CHIS-CORAÇÕES A BORDO DOS "AEROPLOES"



VAI JA UMA GRANDE ANIMAÇÃO NAS PRAIAS DA "CÔTE DU SOMMEIL"



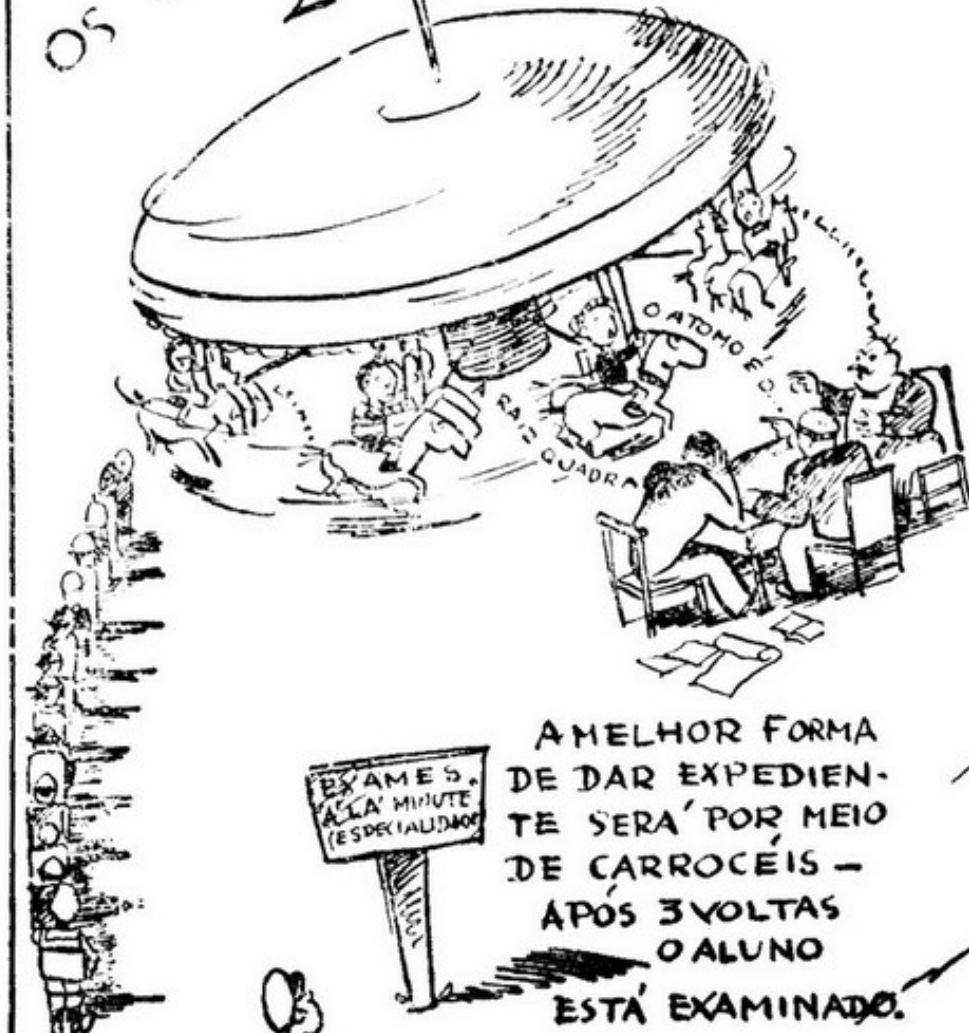
"OUVIRAM-SE" NO RIO AMOR AS



PRIMEIRAS PANCADINHAS DO MESMO ENTRE OS RUSSOS E OS CHINOS. E UMA QUESTÃO DE MIMETISMO

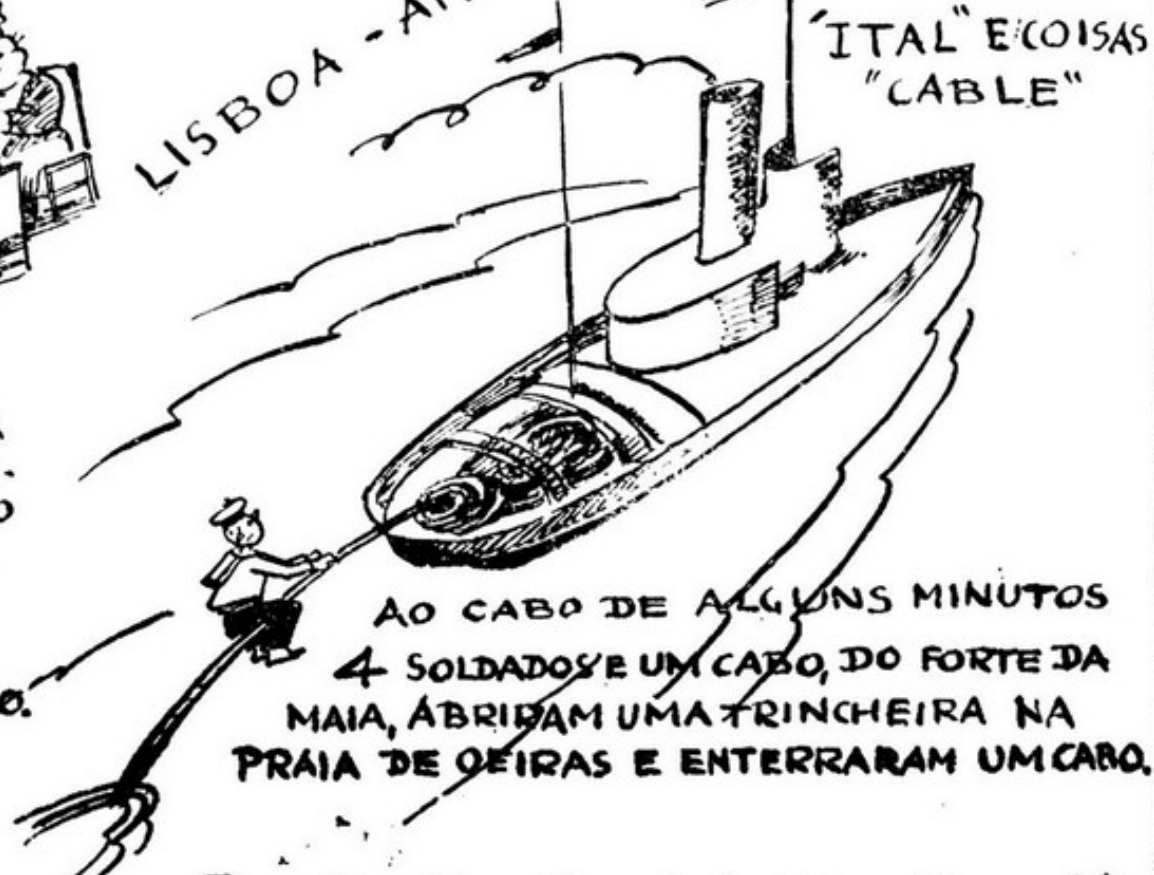


OS EXAMES SECUNDÁRIOS TEM DE TERMINAR NO FIM DE JULHO -



LISBOA - AMERICAS

"ITAL" ECOISAS "CABLE"



AO CABO DE ALGUNS MINUTOS 4 SOLDADOS E UM CABO, DO FORTE DA MAIA, ABRIDAM UMA TRINCHEIRA NA PRAIA DE OEIRAS E ENTERRARAM UM CABO.

EXAMES. A'SA MINUTE ESPECIALIDADE

A MELHOR FORMA DE DAR EXPEDIENTE SERA' POR MEIO DE CARROCEIS - APÓS 3 VOLTAS O ALUNO ESTÁ EXAMINADO.